

Papéis Avulsos de Zoologia

MUSEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ISSN 0031-1049

PAPÉIS AVULSOS DE ZOOL., S. PAULO 41(5): 67-81

27.VIII.1999

SOBRE ALGUMAS ESPÉCIES DE LAMIINAE (COLEOPTERA, CERAMBYCIDAE) DA COLÔMBIA COM GARRAS TARSAIS DIVERGENTES

UBIRAJARA R. MARTINS ¹
MARIA HELENA M. GALILEO ²

ABSTRACT

Based on the collections of the "Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt" and "Museo de Historia Natural, Universidad Nacional de Colombia" sent by F. Fernández, new records for species of the tribes Agapanthiini, Apomecynini, and Onciderini not yet recorded to the Colombian fauna are given: Hippopsis macrophthalma Breuning; Helvina lanuginosa (Bates); Amphicnaeia brevivittis Bates; Rosalba rufobasalis (Breuning); Hylus dubius Dillon & Dillon; Hesychotypa nyphonoides (Pascoe); Oncideres fulva Bates. New species are described: Amphicnaeia flavescens (Amazonas); Bebelis maculata (Bolívar); Hesychotypa fernandesi (Vichada, Meta); Cacostola colombiana (Bolívar); Oncideres bella (Magdalena).

Keywords. Agapanthiini; Apomecynini; Colômbia; Onciderini; Coleoptera; Cerambycidae.

INTRODUÇÃO

Recebemos para identificação abundante material da Colômbia enviado por Fernando Fernández, pertencente ao "Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt", Villa de Leyva e ao "Museo de Historia Natural, Universidad Nacional de Colombia", Santafé de Bogotá.

1. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Caixa Postal 42694, 04299-970 São Paulo SP, Brasil.

2. Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Caixa Postal 1188, 90001-970 Porto Alegre RS, Brasil.

Recebido para publicação em 23.IV.98 e accito em 19.II.1999.

08/10/1999

Este material encerra espécies que já foram descritas ou assinaladas para a Colômbia, espécies ainda não registradas para esse país e espécies inéditas. As primeiras não serão objeto deste trabalho, mas as outras são comentadas ou descritas.

A Colômbia teve poucos colecionadores (Papavero, 1973: 428) nos séculos XIX e XX, e estes voltaram suas atenções especialmente para o vale do Magdalena e a Serra de Santa Marta. As demais províncias estão pouco exploradas entomologicamente ou ainda não foram objeto de estudo, por isso descreve-se número proporcionalmente grande de novos táxos, neste trabalho e nos que se seguirão.

MATERIAL E MÉTODOS

Nas referências bibliográficas de cada espécie, citam-se apenas a descrição original e o Catálogo de Cerambycidae (Monné, 1994a, b), que inclui referências completas.

As abreviaturas citadas no texto são: BMNH, *The Natural History Museum*, Londres; IAHC, *Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt*, Villa de Leyva; MCNZ, Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; MHNC, *Museo de Historia Natural, Universidad Nacional de Colombia*, Santafé de Bogotá; MZSP, *Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo*, São Paulo; NRMS, *Naturistoriska Riksmusset*, Estocolmo.

Agapanthiini

Hippopsis macrophthalma Breuning, 1940

Hippopsis macrophthalma Breuning, 1940b: 434; Monné, 1994a: 38.

Material examinado. *Bolívar*: Zambrano (Hacienda Monterrey, 9°37'48"N, 74°54'44"W, 70 m), ♂, 25.V.1994, F. Fernández & G. Ulloa col., malaise (IAHC, AH-0104).

Descrita do Brasil, Amazonas, Tefé, com base em único exemplar depositado na NRMS (Breuning, 1940b). Galileo & Martins (1988) assinalaram-na para o Suriname, Equador e Brasil (Amazonas e Pará). Pertence ao grupo *pradierei* que se caracteriza pelo pronoto com rugas transversais e é mais semelhante a *Hippopsis pradierei* Guérin-Méneville, 1844 que ocorre na Mata Atlântica; distingue-se pela faixa de pubescência amarelada dos lados do metasterno que, nesta espécie, está junto da sutura metasterno-metepisternal, enquanto que em *H. pradierei* está distante dessa sutura.

Helvina lanuginosa (Bates, 1865)

Pachypeza lanuginosa Bates, 1865: 314.

Helvina lanuginosa; Dillon & Dillon, 1945b: 13; Monné, 1994a: 45 (cat.).

Material examinado. Amazonas: Mata-Mata, ♀, II.1989, F. Fernández col., “malaise trap” (IAHC, F-3017).

Originalmente descrita de Ega (=Tefê) e São Paulo de Olivença, Amazonas, Brasil, até o momento não estava assinalada para a Colômbia.

Apomecynini

Amphicnaeia brevivittis Bates, 1872

Amphicnaeia brevivittis Bates, 1872: 202; Monné, 1994a: 3.

Material examinado. Caldas: Risaralda (Mistrató, Puente de Oro, 900 m), ♀, IX.1971, F. Fernández col. (MHNC-4076).

Até o momento esta espécie estava registrada para a Nicarágua (Bates, 1872; 1880) e o Panamá (Breuning, 1971). Nossa identificação foi feita por comparação com o diapositivo do holótipo fotografado por J. S. Moure no BMNH em 06.VII.1972, cujas antenas são visíveis até o antenômero VII e com material da Costa Rica (MZSP, ex-coleção Melzer).

O espécime colombiano difere daquele da Costa Rica e do exemplar figurado por Bates (1880, est. 9, fig. 17), porque tem os antenômeros VIII, IX e a metade basal do X com tegumento amarelo-esbranquiçado. Não pudemos encontrar outras diferenças para separá-los e acreditamos que a coloração das antenas possa estar sujeita a variações nessa espécie.

Amphicnaeia flavescens sp. n.

(Fig. 1)

Material-tipo. Holótipo ♀, Amazonas: Parque Natural Amacayacu [várzea, 4°3'S; 70°— (minutos ilegíveis) W], VIII.1978, M. Kelsey col. (MHNC - 2971).

Encontramos na lista de topônimos da Colômbia o rio Amaca-yacú cujas coordenadas são 3°48'S, 70°19'W.

♀. Tegumento castanho-escuro, quase preto. Pubescência amarelada reveste: metade inferior da fronte e lados da cabeça; vértice (menos numa grande área dorsal que ocupa o occipício e deixa apenas uma faixa estreita, central, de

pubescência amarelada); lados do protórax; faixa estreita, longitudinal, no meio do disco pronotal; escutelo; no élitro: faixa longitudinal, estreita, que se inicia entre o úmero e o escutelo e termina no meio; estreita área sobre a sutura no meio da metade anterior; faixa longitudinal, estreitíssima, sobre a declividade lateral que vai do meio à extremidade; área que ocupa os ápices com dois prolongamentos para a parte anterior, um junto à sutura e um junto à margem; face ventral do corpo, mais adensada numa faixa estreita nos lados do metasterno e dos urosternitos.

Sensilas longas junto à borda interna dos olhos. Lobos oculares superiores com sete fileiras de omatídios, tão afastados entre si quanto, aproximadamente, a largura de um lobo. Antenas pouco mais longas do que o corpo. Antenômero III mais curto que o escapo e sensivelmente mais curto do que o IV. Protórax com lados ligeiramente divergentes para a frente. Lados com aproximadamente cinco sensilas mais ou menos organizadas em fileira longitudinal. Sulco das mesotíbias situado no terço apical.

Dimensões mm. Holótipo ♀. Comprimento total, 5,6; comprimento do élitro, 3,9; largura umeral, 1,8.

Discussão. Pela chave para espécies de *Amphicnaeia* (Breuning, 1971: 217), *A. flavescens* segue os seguintes dilemas: (1) élitros com desenhos nítidos; (2) élitros com desenhos claros também na metade posterior; (3) élitros sem bandas longitudinais amarelas, regulares e contínuas; (4) metade apical dos élitros com bandas ou manchas amareladas; (5) antenômero III mais curto do que o escapo. Estes caracteres levam a três espécies: *A. albovittata* Breuning, 1971; *A. lepida* Melzer, 1933 e *A. lineata* Bates, 1866.

A. flavescens distingue-se de *A. albovittata*, originalmente descrita do Rio de Janeiro, que também apresenta o antenômero III mais curto que o escapo: pela pubescência amarelada de todas as manchas e faixas; pela pubescência do escutelo que é densa e ocupa toda superfície; pela declividade basal dos élitros com apenas a faixa amarelada longitudinal. Em *A. albovittata* a pubescência das manchas e das faixas é esbranquiçada; o escutelo é pubescente no centro; a declividade basal dos élitros é inteiramente ocupada por pubescência esbranquiçada.

Difere de *A. lepida*, descrita com base em material da Costa Rica, Turrialba (800 m), da qual examinamos o parátipo (=“cotipo”) do MZSP: pela pubescência corporal amarelada que constitui faixas e manchas; pelo desenho da metade basal dos élitros restrito a única faixa dorsal, longitudinal, que ultrapassa um pouco o meio. Em *A. lepida* a pubescência das manchas e faixas é esbranquiçada e a metade basal dos élitros tem duas faixas longitudinais, dorsais, uma que se inicia junto aos lados do escutelo e outra entre o úmero e o escutelo.

Separa-se de *A. lineata*, a espécie-tipo do gênero, que também ocorre na

Amazônia e foi originalmente descrita de Tefé, Amazonas, Brasil: pelas dimensões maiores (vide acima); pela presença de faixa amarelada longitudinal no centro do pronoto e, principalmente, pelo padrão de colorido dos élitros, com uma faixa amarelada e longitudinal. Em *A. lineata*, as dimensões são menores (comprimento do holótipo, 5,0 mm), e segundo a figura de Breuning (1971: 328, fig. 5), a pubescência no centro do pronoto está restrita a uma mancha junto à base e o meio dos élitros é ocupado por área, subquadrangular, de pubescência esbranquiçada.

***Rosalba rufobasalis* (Breuning, 1940)**

(Fig. 2)

Aletretia rufobasalis Breuning, 1940a: 42.

Rosalba rufobasalis; Breuning, 1960: 174; Monné, 1994a: 7 (cat.).

Material examinado. *Nariño*: La Planada, ♂, 1.III.1995 (sem coletor) (IAHC, F-3058).

Embora tenhamos examinado o diapositivo do holótipo feito por J. S. Moure no BMNH, não estamos absolutamente convencidos que a nossa identificação esteja correta. Assim, descrevemos o material por nós examinado.

♂. Tegumento castanho-escuro, quase preto. Pubescência amarelada reveste: frente; lados da cabeça; estreita borda dos lobos superiores dos olhos; cinco faixas estreitas e longitudinais no protórax: uma no centro do pronoto, duas aos lados do pronoto e duas nas partes laterais do protórax; centro longitudinal do escutelo; quatro faixas longitudinais, muito estreitas, em cada élitro: uma paralela à sutura, iniciada a curta distância da declividade basal e prolongada até a extremidade; segunda, iniciada entre o escutelo e o úmero vai até quase a extremidade; terceira, iniciada a curta distância do úmero, atinge a extremidade onde se funde com a primeira; quarta, iniciada abaixo do úmero, percorre o lado paralela à margem e atinge o espinho apical; metade superior dos mesepisternos; faixa longitudinal na metade inferior dos metepisternos; área triangular nos lados do metasterno; lados dos urosternitos. Restante da face ventral do corpo recoberta por pubescência acinzentada.

Sutura epistomal com quatro sensilas (40x) situadas no mesmo alinhamento transversal. Lado interno dos lobos oculares inferiores com duas sensilas e situadas na metade superior da frente. Tubérculos anteníferos ligeiramente projetados, aguçados e muito distantes. Lobos oculares superiores com sete fileiras de omatídios, bem aproximados, separados por distância equivalente a uma fileira de omatídios. Antenas atingem as extremidades dos élitros, aproximadamente, na

ponta do antenômero VII. Escapo (1,4 mm) apenas mais curto que o antenômero III (1,5 mm) que é mais curto do que o IV (1,9 mm). Flagelômeros basais com franja de pêlos moderadamente densa no lado interno.

Protórax com lados subparalelos e com cinco (?) sensilas. Pronoto com pontos grossos, moderadamente densos. Lados do protórax com pontos menores e tão separados quanto os do pronoto. Mesosterno truncado anteriormente. Pontuação elitral organizada em fileiras, principalmente no dorso da metade anterior. Extremidades dos élitros transversalmente truncadas com espinho curto no lado externo. Metafêmures sublineares. Sulco das mesotíbias situado além do meio. Tarsômeros V bem alongados, mais longos que I-IV.

Dimensões mm. Comprimento total, 9,8; comprimento do protórax, 1,5; maior largura do protórax, 1,8; comprimento do élitro, 7,5; largura umeral, 2,8.

Discussão. *Rosalba rufobasalis* Breuning, 1940, é conhecida de Nariño: Isla Gorgona (2°59'N, 78°12'W), (Breuning, 1940), uma ilha marítima afastada da costa ca. 25 km; a espécie é característica pelo desenho elitral constituído por faixas amareladas, estreitas e longitudinais que percorrem os élitros em toda extensão.

O nosso espécime difere da redescrição (Breuning, 1971) pelas maiores dimensões; pelo escutelo revestido apenas no centro por pubescência amarelada; pelo tegumento elitral unicolor e pelas faixas amareladas dos élitros muito mais estreitas. O diapositivo de holótipo de *R. rufobasalis*, feito por J. S. Moure no BMNH, mostra que o escutelo é todo revestido por pubescência amarelada; o tegumento da metade anterior dos élitros é avermelhado, recoberto por pubescência amarelada e o da metade apical castanho recoberto por pubescência castanho-escura; as faixas dos élitros são mais largas. Além disso, as dimensões são menores: comprimento 7 mm, largura umeral, 1,6 mm.

***Bebelis maculata* sp. n.**

(Fig. 3)

Material-tipo. Holótipo ♂, *Bolívar*: Zambrano (Hacienda Monterrey, 70 m, 9°37'48"N, 74°54'44"W), 18.V.1994, F. Fernández & G. Ulloa col., bosque, malaise, (IAHC, AH-0020).

♂. Tegumento castanho-escuro revestido por pubescência escamiforme (40 x) castanho-amarelada, marmoreada de branco e de castanho-escuro. Fronte com pubescência branco-amarelada, uniforme; uma sensila de cada lado, no lado interno dos olhos; uma sensila nos lados da sutura epistomal. Sutura coronal aprofundada entre os tubérculos anteníferos que não são salientes. Olhos imperfeitamente divididos, com omatídios isolados entre os lobos. Lobos

oculares superiores com três fileiras de omatídios, pouco mais afastados entre si do que a largura de um lobo. Lobos oculares inferiores (0,2 mm) tão longos quanto as genas (0,2 mm). Parte posterior da cabeça com sete faixas indistintas mais acastanhadas: uma sobre a sutura coronal, duas no occipício, duas atrás do estreitamento ocular e duas atrás dos lobos oculares inferiores.

Antenas, aproximadamente, do mesmo comprimento do corpo; flagelômeros revestidos por pubescência esbranquiçada, com estreito anel basal de pilosidade mais adensada. Protórax coberto por pubescência predominantemente amarelo-acastanhada. Pronoto convexo, com duas faixas acastanhadas, longitudinais, pouco contrastantes. Três sensilas em cada lado do protórax, duas na base e uma no meio da metade anterior.

Élitros predominantemente revestidos por pubescência escamiforme amarelo-acastanhada. A região dorsal do quarto anterior, nos lados do escutelo, com pubescência pouco mais esparsa, de sorte que o tegumento é mais visível; imediatamente atrás dessa área, uma faixa oblíqua de pubescência esbranquiçada (pouco demarcada), atinge a sutura no terço anterior. Faixa acastanhada, reta, curta, no dorso, perto da sutura, no meio, precedida e seguida por faixas indistintas mais esbranquiçadas. Terço apical dos élitros com manchas castanhas, pequenas, pouco numerosas, próximas da sutura e no dorso. Extremidades (50x) emarginadas, com espículo no ângulo sutural e espinho evidente no lado externo.

Pernas castanhas com pubescência amarelo-acastanhada. Sulco das mesotíbias envolve o terço apical. Face ventral recoberta por pubescência amarelo-acastanhada, mais concentrada na metade dorsal dos mesepimeros, lados do metasterno e dos urosternitos.

Dimensões mm. Comprimento total, 5,6; comprimento do protórax, 1,1; maior largura do protórax, 1,0; comprimento do élitro, 4,0; largura umeral, 1,2.

Discussão. As espécies de *Bebelis* que, provavelmente, ocorrem na Colômbia são (Monné & Giesbert, 1993): *B. acuta geometrica* Bates (México ao Panamá); *B. divaricata* Fisher (Costa Rica); *B. elongata* Lameere (Venezuela); *B. fasciata* Fisher (Panamá); *B. furcula* (Bates) (Guatemala a Costa Rica) *B. laetabilis* Belon (Panamá ao norte da Brasil); *B. lignosa* Thomson (México a América do Sul, St. Vincent); *B. modesta* (Belon) (Panamá e Bolívia) e *B. picta* Pascoe (México, América do Sul). Ora, esses dados de distribuição foram extraídos de Breuning (1971) e podem estar equivocados, como por exemplo, os de *B. lignosa*. Para a Colômbia propriamente dita, até o momento, ainda não haviam sido registradas espécies deste gênero.

Outro problema muito sério para a identificação das espécies de *Bebelis* é a chave publicada por Breuning (*l. c.*, p. 237), onde o caráter principal adotado é o comprimento dos lobos oculares inferiores com relação ao das genas. Não

adotaremos essa chave e basearemos nossa identificação nos diapositivos dos tipos feitos por J. S. Moure em diferentes instituições e na coleção do MZSP onde tipos de algumas espécies de Fisher estão representados.

Nos parece bem mais razoável separar as espécies pelo aspecto das extremidades elitrais: arredondadas ou com espinho externo curto ou fortemente espinhosas no ângulo externo. Como em *B. maculata* o espinho apical externo é moderadamente alongado, eliminam-se *B. divaricata*, *B. fasciata* e *B. laetabilis* por terem esses espinhos muito alongados e *B. picta* por apresentar ápices dos élitros arredondados.

Bebelis maculata parece ser mais semelhante a *Bebelis furcula*, mas distingue-se pelos lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas e com os lobos interligados por número maior de omatídios; pela pubescência clara que reveste os flagelômeros; pelas faixas longitudinais castanhas do pronoto menos evidentes e pelos urosternitos com pubescência. Em *B. furcula* os lobos inferiores dos olhos são mais curtos que as genas e os lobos estão ligados por uma região sem omatídios; flagelômeros com pubescência castanho-escura, sem anel basal; as faixas castanhas do pronoto são muito evidentes e os urosternitos têm uma faixa castanha e glabra nos lados.

Onciderini

Hylus dubius Dillon & Dillon, 1945a: 105; Monné, 1994b : 15 (cat.).

Material examinado. Amazonas: Mata Mata, ♀, II.1989, F. Fernández col., “malaise trap” (IAHC, F-3015).

Originalmente descrita de única fêmea procedente do Peru, [Amazonas], Rio Santiago. Este rio é longo, nasce no Equador e desemboca no Rio Marañón (Stiglich, 1922), mas no Peru situa-se apenas no Departamento de Amazonas. O MZSP possui uma fêmea do Brasil, Pará: Santarém (Fazenda Taperinha), coligida em 1920 pelo Dr. Hagmann (ex-coleção Melzer).

O gênero *Hylus*, monotípico, caracteriza-se principalmente pelo grande desenvolvimento ocular (a fronte é mais estreita do que cada um dos lobos inferiores) e pelos três quartos basais do artículo V dos metatarsômeros com tegumento branco-amarelado.

Cacostola colombiana sp. n.

(Fig. 4)

Material-tipo. Holótipo ♀, Bolívar: Zambrano (Hacienda Monterrey, 9°37'48"N, 74°54'44"W, 70 m), 25.V.1994, F. Fernández & G. Ulloa col.,

malaise (IAHC, AH-0032, retido para o MZSP). Parátipos: ♀, mesmos dados do holótipo (IAHC, AH-0024, Col. F. Fernández); ♂, mesmo local e coletores, 11.V.1944 (IAHC, AH-0079, retido MCNZ).

Tegumento castanho ou castanho-avermelhado. Pubescência predominantemente amarelada. Antenas acastanhadas, implantadas em tubérculos anteníferos desenvolvidos nos dois sexos; escapo, pedicelo e antenômero III castanhos recobertos por pubescência rala esbranquiçada; antenômeros IV-XI com cerca da metade basal recoberta por pubescência esbranquiçada e a metade apical acastanhada. Fronte pouco mais larga do que longa; pubescência densa. Lobos oculares superiores com 5 fileiras de omatídios, (largura = 0,2 mm, ♀), tão distantes entre si quanto o dobro da largura de um lobo (0,4 mm). Lobos oculares inferiores (♀, 0,6 mm) com o dobro do comprimento das genas (0,3 mm).

Protórax apenas mais largo (♀, 1,6 mm) que longo (♀, 1,7 mm); lados sem vestígio de tubérculo e com pubescência mais esbranquiçada. Lados do pronoto com duas faixas castanhas, muito estreitas e pouco visíveis.

Cada élitro com uma faixa longitudinal, de pubescência branca, paralela à sutura, que vai de perto do escutelo até além do meio; às vezes, para o lado externo uma segunda faixa, semelhante e paralela à primeira, pouco visível no holótipo; logo depois do meio, manchas longitudinais ou área castanha, bem irregular, oblíqua em sentido descendente da margem para a sutura; terço apical com faixas de pubescência branca, longitudinais e difusas. Élitros sem carena longitudinal a partir dos úmeros e sem elevações ante-apicais.

Esternos torácicos recobertos por pubescência amarelada densa. Urosternitos I-IV com pubescência mais esparsa no meio, e pubescência amarelada, densa, em duas manchas longitudinais por segmento.

Dimensões mm, 2 ♀. Comprimento total, 8,5-9,7; comprimento do élitro, 6,2-6,9; largura umeral, aproximadamente, 2,2 (os élitros não estão juntos na base).

Discussão. Esta espécie parece assemelhar-se a *Cacostola grisea* Dillon & Dillon, 1946, originalmente descrita da Guiana e que não examinamos. Segundo a descrição, concorda com *C. grisea* pela frente revestida por pubescência fulva (amarelada); lobos oculares inferiores com uma vez e dois terços o comprimento das genas; antenômero III quase reto e mais curto que o seguinte. *C. grisea* separa-se de todas as outras espécies “in having a broad, white patch on each elytron at base from humeri, but lacking vittae” (Dillon & Dillon, 1946: 268), o que não concorda com o padrão de colorido de *C. colombiana*.

Também assemelha-se, segundo a descrição, a *C. sirena* Dillon & Dillon, 1946, originalmente descrita de Caracas, Venezuela e igualmente desconhecida para nós. Não concorda com o aspecto geral, “very slender” (vide também a figura na est. XI, fig 10, Dillon & Dillon, 1946); e com o padrão do colorido dos élitros que têm uma faixa sutural de pubescência castanha da base ao meio; duas

faixas de pubescência branca, esparsa, do úmero ao ápice onde estão fundidas. Em *C. colombiana* não existe faixa acastanhada na metade anterior dos élitros e as faixas de pubescência branca estão interrompidas no meio e não se fundem.

Hesychotypa nyphonoides (Pascoe, 1859)

Hesycha nyphonoides Pascoe, 1859: 36.

Hesychotypa nyphonoides; Martins & Galileo, 1990: 80; Monné, 1994b: 23 (cat.).

Material examinado: *Amazonas*: Mata Mata, ♀, II.1989, F. Fernández col., “malaise trap” (IAHC, F-3035).

Até o momento conhecida do Peru e da Amazônia brasileira (*Amazonas* e *Pará*), esta espécie ocorre na Hiléia.

Hesychotypa fernandezi sp. n.

(Fig. 5)

Material-tipo. Holótipo ♂, *Vichada*: Gaviotas, 1.III.1995, [sem coletor], malaise (IAHC, F-3004, retido MZSP). Parátipo ♀, *Meta*: Restrepo (Camey Alto, Bocatoma), 30.IV.1988, [sem coletor] (MNHN-4064).

Tegumento castanho. Pubescência predominantemente laranja-avermelhada. Meio dos élitros com faixa estreita de pubescência esbranquiçada, oblíqua em sentido descendente da sutura para a margem; orla posterior dessa faixa irregular. Áreas acastanhadas, relativamente grandes, nítidas, junto e atrás da faixa esbranquiçada e nos lados do quarto anterior, iniciadas atrás dos úmeros. Restante da superfície elitral marmoreada com pubescência laranja-avermelhada.

Cornos projetados, robustos, curvos para o lado interno. Antenas bem alongadas, atingem as extremidades elitrais, aproximadamente, no meio do antenômero VI e têm o dobro do comprimento do corpo. Antenômero XI obviamente mais longo que o precedente. Espinho lateral do protórax muito desenvolvido. Procoxas com tubérculo evidente, grande. Lados do urosternito I sem mancha glabra e brilhante.

♀. Antenas quebradas na extremidade do antenômero III. Este atinge a porção mais anterior da faixa branca dos élitros. Demais caracteres sexuais como nas outras espécies do gênero.

Dimensões mm. Holótipo ♂. Comprimento total, 18,1; comprimento do protórax, 3,0; maior largura do protórax, 6,0; comprimento do élitro, 13,4; largura umeral, 6,8. Parátipo ♀. Comprimento total, 13,2; comprimento do protórax, 2,1; maior largura do protórax, 4,0; comprimento do élitro, 9,8; largura umeral, 4,9.

Discussão. *Hesychotypa fernandezii* tem padrão de colorido muito semelhante ao de *H. lirissa* Dillon & Dillon, 1945, descrita do Brasil (Mato Grosso) e, neste trabalho, assinalada para a Bolívia. Difere: cornos cefálicos e tubérculo das procoxas muito mais desenvolvidos; antenas com o dobro do comprimento do corpo, com o antenômero XI muito mais longo do que o X. Em *H. lirissa* os cornos cefálicos são mais curtos e retos, os tubérculos das procoxas menos pronunciados, as antenas não têm o dobro do comprimento do corpo (σ), os antenômeros apicais são curtos e o XI não é mais longo do que o precedente.

Oncideres fulva Bates, 1865

Oncideres fulva Bates, 1865: 176; Monné, 1994b: 51 (cat.).

Material examinado. *Meta*: Rio Duda (“CIEN, 05°05’38”N, 75°40’04”W, borde Bo-Po”, 300 m), σ , [sem data e sem coletor] (IAHC, F-3087). Não conseguimos encontrar Bo-Po nos índices do topônimos.

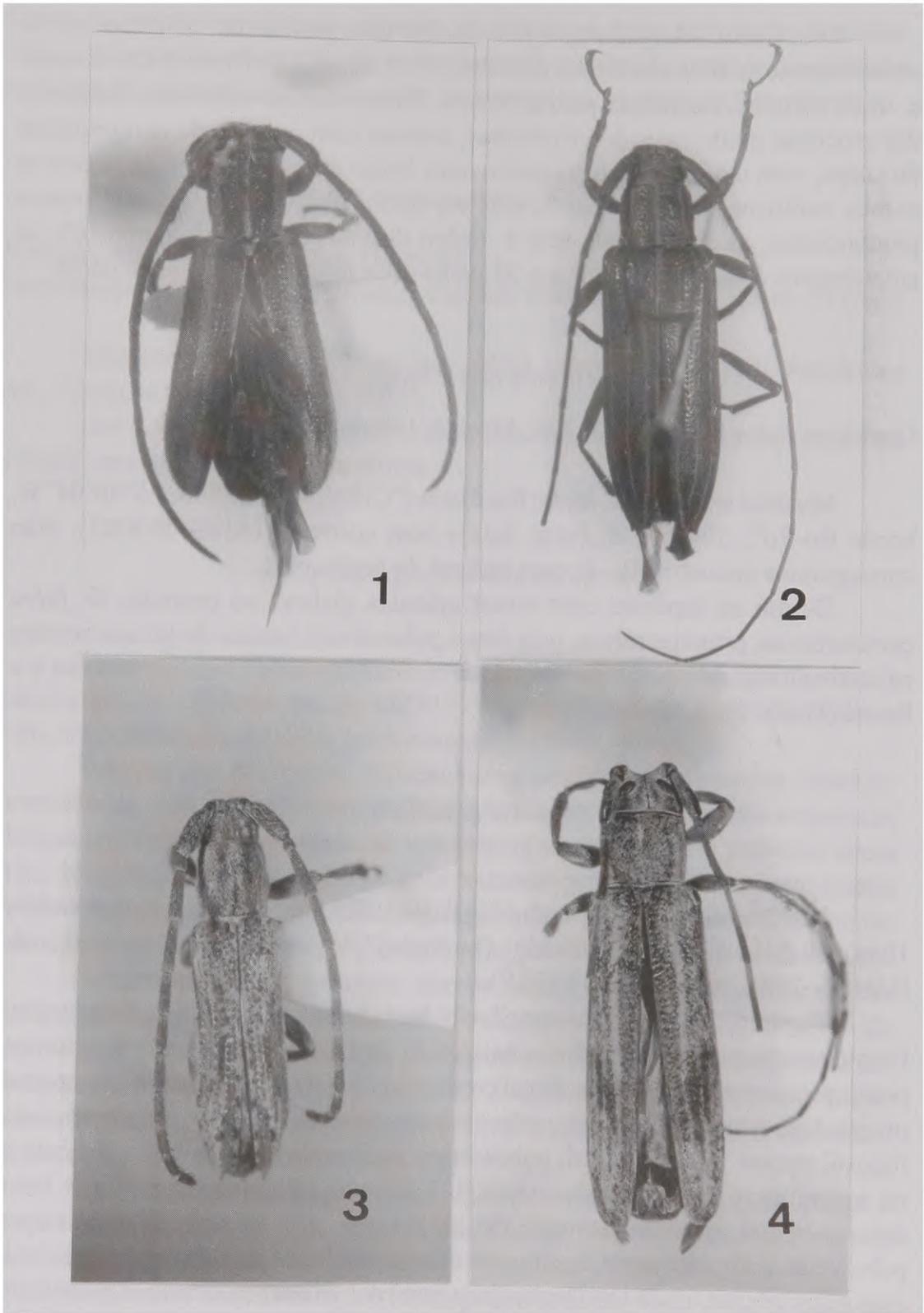
Dentre as espécies com cinco máculas glabras no pronoto, *O. fulva* caracteriza-se, principalmente, pela densa pubescência branca-de-giz que reveste os lados do metasterno. Até o momento registrada para a Guiana Francesa e o Brasil (Pará).

Oncideres bella sp.n.

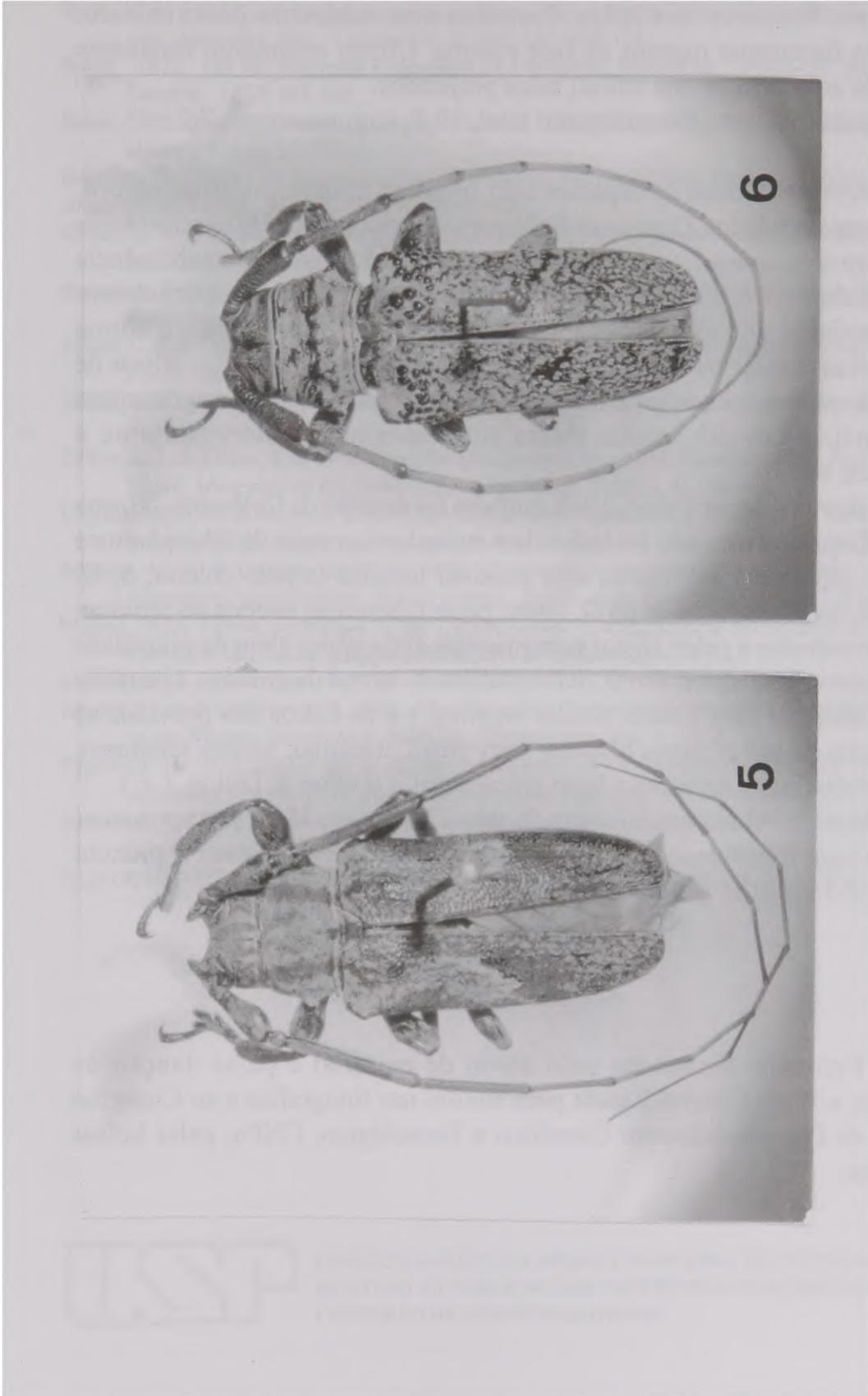
(Fig. 6)

Material-tipo. Holótipo σ , *Magdalena*: Santa Marta (Pozos Colorados, 10 m), 10.XII.1977, estudantes biol. [biologia] UN [Universidad Nacional] col. (MNHN-2948, retido para o MZSP).

Tegumento castanho-avermelhado; base das antenas com tegumento preto. Fronte recoberta por pubescência amarelada nos lados; região central e vértice pouco pubescentes (pubescência mal conservada?). Tubérculos anteníferos apenas projetados. Antenas com pubescência branco-amarelada. Escapo fortemente rugoso, menos no lado dorsal; pubescência muito rala no escapo, no pedicelo e no antenômero III (mal conservada?). Tubérculos laterais do protórax bem desenvolvidos, aproximadamente tão longos quanto o pedicelo. Pronoto com pubescência esbranquiçada, ligeiramente mais amarelada para os lados; superfície com rugas laterais nos lados. Declividade basal dos élitros recoberta por pilosidade esbranquiçada; restante da superfície com muitas máculas de pubescência alaranjada, separadas por pubescência esbranquiçada e áreas glabras; a pubescência esbranquiçada mais concentrada nos lados antes do meio; grânulos numerosos,



Figs. 1-4. 1, *Amphicnaeia flavescens*, sp. n., holótipo ♀, comprimento 5,6 mm; 2, *Rosalba rufobasalis* (Breuning, 1940), ♂, comprimento 9,8 mm; 3, *Bebelis maculata*, sp. n. holótipo ♂, comprimento 5,6 mm; 4, *Cacostola colombiana*, sp. n., holótipo ♂, comprimento 9,7 mm.



Figs. 5-6. 5, *Hesychotypa fernandezi*, sp. n., holótipo ♂, comprimento 18,1 mm; 6, *Oncideres bella*, sp. n., holótipo ♂, comprimento 19,8 mm.

quase contíguos, no quinto basal; na metade anterior, pontos profundos e glabros. Metasterno revestido por pubescência esbranquiçada, não-acentuadamente contrastante, inclusive nos lados. Procoxas com tubérculo desenvolvido. Profêmures fortemente rugosos na face externa. Último urosternito levemente emarginado no centro da orla apical; lados projetados.

Dimensões, mm. Comprimento total, 19,8; largura umeral, 7,2.

Discussão. Dentre as espécies com protórax transversalmente rugoso, especialmente nos lados, *Oncideres bella* caracteriza-se pelos élitros com áreas glabras, sem nenhuma pubescência, entre as máculas alaranjadas e a pubescência branca. Na chave para as espécies de Dillon & Dillon (1946: 310), discriminam-se duas espécies, *O. crassicornis* e *O. repandator*, por apresentarem élitros com manchas glabras ou com manchas de pubescência castanha. Os élitros de *O. bella* não podem ser confundidos com os dessas espécies, porque apresentam toda superfície dos 2/3 apicais glabra entre as manchas alaranjadas ou a pubescência branca.

O. ilaire Dillon & Dillon, 1946, também foi descrito da Colômbia, “Buena Vista”; o Departamento não foi indicado e encontramos mais de 60 topônimos com essa denominação. Talvez seja possível localizá-la pelo coletor, S. C. Patchet. *O. bella* distingue-se de *O. ilaire*: pelos tubérculos laterais do protórax bem desenvolvidos e pelos élitros com máculas alaranjadas além da pilosidade branca e intervalos glabros. Em *O. ilaire* o tubérculo lateral do protórax é pequeno (“lateral tubercles very feeble, almost wanting”) e os élitros são providos só com máculas de pubescência branca (“very small, irregular, widely separated, white maculae, more numerous from apical third”) (Dillon & Dillon, *l. c.*).

Não pode ser confundido com *O. voetii* Thomson, 1868, por apresentar o pronoto com rugosidades, especialmente nos lados; em *O. voetii* o pronoto apresenta 3-5 máculas glabras.

AGRADECIMENTOS

A Fernando Fernández pelo envio de material e pelas doação de espécimes; a Tiago Courrol Ramos pelo auxílio nas fotografias e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pelas bolsas aos autores.

REFERÊNCIAS

- Bates, H. W. 1865. Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley. Coleoptera: Longicornes. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, London (3) 16: 167-182; 308-314.
- Bates, 1872. On the longicorn Coleoptera of Chontales, Nicaragua. *Trans. ent. Soc. London*, London, 1872: 163-238.
- Bates, 1880. *Biologia Centrali-Americana*, Insecta, Coleoptera. London, British Museum of Natural History, v. 5, p. 17-152.
- Breuning, S. 1940a. Novae species Cerambycidae VIII. *Folia Zool. Hydrobiol.*, Riga, 10: 37-85.
- Breuning, S. 1940b. *Idem* X. *Ibidem* 10: 407-437.
- Breuning, S. 1960. *Catalogue des Lamiaires du Monde (Col., Cerambycidae)*. 3 Lieferung. Tutzing bei München, Museums G. Frey. p. 109-182.
- Breuning, S. 1971. Revision des espèces américaines de la tribu des Apomecynini Lac. (Coleoptera, Cerambycidae). *Ent. abh. Staat Mus. Tierk.*, Dresden, 37: 209-315.
- Dillon, L. S. & Dillon, E. S. 1945a. The tribe Onciderini (Coleoptera, Cerambycidae). Part I. *Reading Public Museum and art Gallery*, Reading, Scient. Publs n. 5, XV+186p.
- Dillon, L. S. & Dillon, E. S. 1945b. Revision of the tribe Pachyzezini (Coleoptera, Cerambycidae). *Bull. Brooklyn ent. Soc.*, 40: 11-27.
- Dillon, L. S. & Dillon, E. S. 1946. The tribe Onciderini (Coleoptera, Cerambycidae). Part I. *Reading Public Museum and art Gallery*, Reading, Scient. Publs n. 6, 189- 413.
- Galileo, M. H. M. & Martins, U. R. 1988. Notas sobre Agapanthiini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). VI. *Hippopsis* do grupo *pradieri*. *Revta bras. Ent.*, São Paulo, 32(2): 196- 198.
- Martins, U. R. & Galileo, M. H. M. 1990. Onciderini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae): sinónimias, novos táxons, chaves e notas. *Papéis avuls Zool.*, São Paulo, 37: 53-95.
- Monné, M. A. 1994a. *Catalogue of the Cerambycidae (Coleoptera) of the Western Hemisphere*. Part XIV. São Paulo, Sociedade Brasileira de Entomologia, 72 p.
- Monné, M. A. 1994b. *Idem*. Part XV. *Ibidem*, 108 p.
- Monné, M. A. & Giesbert, E. F. 1993. *Checklist of the Cerambycidae and Disteniidae (Coleoptera) of the Western Hemisphere*. Burbank, Wolfsgarden, XIV + 410 p.
- Papavero, N. 1973. *Essays on the history of Neotropical Dipterology, with special reference to collectors (1750-1905)*. São Paulo, Museu de Zoologia, v. 2, IV+217-446 p.
- Pascoe, F. P. 1859. On new genera and species of longicorn Coleoptera. Part IV. *Trans. ent. Soc. London*, London (2) 5: 12-61.
- Stiglich, G. 1922. *Diccionario geográfico del Peru*. Lima, Torres Aguirre, 5+ 1193 p.



